

COVID TIRA 500 MIL VIDAS

Não há precedentes na história para os 500 mil mortos por Covid-19 em um ano e três meses no Brasil; número equivale à queda de cinco aviões por dia e 6,4 estádios do Maracanã lotados



Brasil, 500. Número marca o nascimento, e anuncia a tragédia: 500 mil brasileiros perderam a luta para a Covid-19.

A doença que cai nos Estados Unidos e em boa parte da Ásia e da Europa, e que já conta com vacinas. No plural.

A 'gripezinha' do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) e do seu entourage negacionista.

O surto que passaria em "seis meses" e causaria "três mil mortes" –3.000 vezes 166,6.

Esse é o preço da imunidade de rebanho incentivada pelo governo federal desde o início, como revelam inúmeros depoimentos na CPI da Covid.

E não são números.

Entre os 500 mil mortos, há pais, mães, filhos, netos, avós



MORTES

“Políticas melhores e o correto uso dos recursos poderiam ter evitado essa situação dramática”.

Stella Zöllner
Médica e professora

e avôs, tios e tias, parentes e amigos na **RMVale**. Para estes, não é estatística. É história, dor e saudade.

“Vejo pessoas se vacinando e me lembro do meu pai. Ele se foi. Não deu tempo de tomar a vacina. Morreu triste e longe da gente”, conta o autônomo Maurício Silva, cujo pai morreu de Covid-19 no começo deste ano, no Vale. “Essa doença nos mata um pouquinho a cada dia. Triste meu país”.

Os 500 mil mortos em um ano e três meses equivalem à queda de mais de 2.500 aviões Boeing 737, a mais popular aeronave comercial do mundo. Cada jato leva 200 passageiros. É como se mais de cinco aviões caíssem todos os dias.

É como se 70% da população

de São José dos Campos fosse dizimada em 455 dias –primeira morte por Covid foi registrada em 12 de março de 2020.

Quase 1.100 vezes o número de brasileiros da FEB (Força Expedicionária Brasileira) mortos na Itália, na Segunda Guerra Mundial –457 vítimas militares, de acordo dados do Exército. São 6,4 estádios do Maracanã lotados. De mortos.

Sem precedentes na história.

“O enfrentamento de uma doença altamente transmissível impõe protocolos amplamente conhecidos: isolamento social, uso correto de máscaras, lavagem das mãos e uso de álcool gel”, disse a médica Stella Zöllner, coordenadora pedagógica do curso de Medicina da Unitau (Universidade